

Terry Winters

auroras

O auroras tem a honra de apresentar a primeira exposição no Brasil do pintor e gravador estadunidense Terry Winters. Desde o início da década de oitenta o trabalho de Winters influenciou diversas gerações de pintores brasileiros. Sua obra, numa reverberação contínua, ainda hoje toca uma nova geração de jovens artistas.

Organizada com o apoio do artista, Matthew Marks Gallery e Projeto ASP, a exposição apresenta um conjunto de pinturas e colagens recentes que permitem a singular oportunidade do público brasileiro de apreciar presencialmente as obras Terry Winters, um artista que expandiu as preocupações da arte abstrata ao envolver conceitos contemporâneos do mundo natural.

auroras is honored to present the first exhibition in Brazil of American painter and printmaker Terry Winters. Since the early eighties Winters' work has influenced several generations of Brazilian painters. His work, in continuous reverberation, is still an important reference for a new generation of young artists.

Organized with the support of the artist, Matthew Marks Gallery and Projeto ASP, the exhibition presents a group of recent paintings and collages, giving the unique opportunity to the Brazilian public to appreciate in person the works of Terry Winters, an artist who has expanded the concerns of abstract art by involving contemporary concepts of the natural world.

Você levantou um pouco as sobrancelhas, como se perguntando sobre a natureza do que estava a sua frente, mas nem deu tempo de formular nada. Porque logo veio essa voz, já no meio de uma frase, dizendo que, sim, eram todos parte de um mesmo grupo e que se destacavam sensivelmente dos demais da família a que pertencem – na verdade muito antiga, com idade contada em séculos e até milênios; Plínio, o Velho, se referiu a ela – pela potência exacerbada e inédita de suas habituais capacidades. Em primeiro lugar, o excepcional poder de mudar de cores, e ainda mais, de misturar muitas delas por meio da chamada translocação de pigmentos pela pele (meio áspera e seca, como certas pedras e troncos, você pensou, enquanto acompanhava assombrado as alterações acontecendo e reparava nos restos de cores entremeadas com algumas mais fortes à primeira vista). Uma reação orgânica, ressaltou a voz, principalmente quando estão envolvidos em algum tipo de interação.

Claro que para a ocorrência desse fenômeno, ela continuava dizendo, o principal era a ação dos cianóforos, para os azuis, dos leucóforos, para o que as pessoas enxergam branco, e assim por diante com os demais cromatóforos, que, como você devia saber, não são exclusivos deles, ainda que particularmente ativos nesses seres inquietos. E, como se podia ver, demonstravam mais capacidades: realizar torções na padronagem de algumas partes do dorso, movimentos helicoidais ou expansões do centro para as bordas da pele, e outras que, com o tempo, iam aparecendo. Você iria acabar entendendo que essas coisas colaboravam para o funcionamento de uma espécie de sistema de alteração contínua no aspecto da pele deles, aliás feita de várias camadas, em si mesmas instáveis; e por isso, de quando em quando, certas áreas pareciam estar mais abaixo ou mais acima.

E mesmo não sendo o tempo todo assim, as camadas pareciam poder mudar de lugar sem nunca alcançar um fundo bem definido, conforme, a voz acrescentou, o insaciável Leonardo já havia concluído nas suas pesquisas; ele que, para impressionar as visitas, pregava uma barba postiça no seu lagarto amestrado. Embora isso não venha bem ao caso aqui, ponderou. Daí que, avistando-se um deles, dava, como agora, para apreender a configuração geral, mas era mais ou menos comum a pessoa ficando confusa – não, você não era o único –, porque olhando com atenção para uma determinada parte, por exemplo, às vezes ela já não era como segundos atrás, se subdividindo ou se aglutinando a uma outra, que antes será que estava ali? Tudo isso causava essa impressão de turbulência, o comentário frequente sobre uma sensação meio vertiginosa de entrever dimensões desconhecidas dentro do dentro deles, como alguém disse uma vez.

Provavelmente você já havia percebido que, além das flutuações na configuração da pele, eles incorporavam uma série de identidades. Não se sabe direito, hipóteses continuam a ser levantadas, talvez o segredo estivesse no misterioso poder que tinham de transmigrar através das muitas subespécies conhecidas, e até por outras jamais vistas, pelo menos ainda não catalogadas, sem com isso deixarem de ser eles mesmos. E como todas as subespécies são igualmente dotadas da famosa capacidade mimética, detalhes da aparência que estes em questão assumiam eram também, a voz enfatizou, uma memória do que os seus parentes absorveram, digamos assim, em tempos e lugares diversos (aahhh..., você deixou escapar; e começou a achar que eles também reagiam mimetizando várias coisas dos humanos ao mesmo tempo: paredes ladrilhadas, cestas de basquete, estampas de roupas, páginas de Wentworth Thompson, fotos de satélites, jardins mal cuidados, proteções de tela de computador, a torre de Mendelsohn em homenagem a Einstein, o caracol de del Cossa, bebidas gaseificadas, ou, sabe-se lá, sardas, o pavilhão de uma orelha... Vai ver, taquigrafavam na pele até impulsos elétricos captados do cérebro de quem parasse na sua frente).

A criação em laboratório nesses viveiros retangulares transportáveis, lidando com as condições materiais básicas que permitem que eles se desenvolvam, mais do que apenas sobreviver, tinha sido decisiva para o aparecimento constante de novas aptidões. Especialmente por conta dessa capacidade de interação com os ambientes – nem sempre voluntária, é bom lembrar, ela disse (mas você duvidou, disposto a não ceder a tanta certeza, e, a essa altura, desejando em vão menos porquês). De tal forma que alterações ocorriam pela reação ao tamanho e à organização do espaço, às variações na incidência de luz, às diferenças de clima nas estações do ano etc., e sobretudo ao maior ou menor movimento de seres humanos perto deles.

As pessoas, por sua vez, começaram a acreditar que, com seu poder de absorção e transformação, eles poderiam aprender a falar. E, bem, como sempre acontece, isso terminou gerando uma falação sem fim de grupos aparentemente bem intencionados em volta deles. Porém, com o passar do tempo, a ideia principal de estarem ali foi sendo esquecida e muitas vezes as pessoas começaram a conversar entre elas mesmas, sobre comida, sobre viagens, sobre o aquecimento do planeta, dramas pessoais, futebol, o príncipe Andrew – mas isso é outra história, desculpou-se a voz (que, por falar nisso, é bom lembrar que só você ouvia). Seja como for, muita gente contava que em vários lugares onde os viveiros foram instalados algum tipo de vibração sonora foi constatada.

Já um estudioso deles havia afirmado que todo esse fluxo de fenômenos inusitados era artificial, provocado pela administração de determinadas substâncias, típico experimento de longa duração de um pesquisador independente e visivelmente bem informado. Na avaliação da voz, a se crer nessa explicação, a coisa seria então fruto do jogo entre a imaginação e os resultados obtidos por alguém que, por seu turno, parecia reagir a um ambiente de trabalho invernal (infernal? você ficou em dúvida se era o que a ela havia dito, mas não dava para perguntar, não demonstrava estar aberta ao diálogo). Talvez cansada de suas próprias elucubrações, a voz confessou que na verdade preferia a versão mais aceita de que tudo neles se devia a um primeiro camaleão que, perdido nas construções do observatório de Jaipur, teve uma visão de ser um caleidoscópio quebrado, mesmo assim girando indefinidamente.



You cocked your eyebrows a little, as though wondering about the nature of the thing in front of you but didn't have time to formulate anything. Because all of a sudden a voice, already mid-sentence, was saying yes, they were all part of the same group and subtly stood out from the rest of the family to which they belonged—a very old family in fact, one that stretched centuries, even millennia; Pliny, the Elder, had written about them—due to the unprecedented and heightened power of their usual capacities. First of all, their extraordinary ability to change color, and what's more, to combine several of them through so-called pigment translocation via the skin (which was somewhat dry, like certain rocks and tree trunks, you thought, staring wide-eyed at the changes taking place and noting the streaks of color interspersed with other colors that were at first sight more vibrant). An organic reaction, the voice noted, especially when part of some sort of interaction.

Of course, the voice continued, the success of this phenomenon relied above all on the participation of cyanophores, for blue, of leucophores, for what people perceived as white, and so on and so forth with other chromatophores, which, as you should have known, were not exclusive to these restless beings although they were particularly active in them. They also demonstrated other abilities, as you could see: a contortion in the patterning of certain upper regions, helical movements or expansions that started at the center and radiated to the edges of the skin, and other things that would, in time, emerge. Eventually, you would come to understand that all these things worked together to form something like a system of constant change on the appearance of their skin, which was in fact composed of various layers that were themselves unstable; hence why, time and again, certain sections would appear farther down or higher up.

Though not always the case, it seemed these layers could also change, yet without ever unveiling the base layer, much as, the voice added, the insatiable Leonardo had concluded in his research; he who, to impress visitors, was known to attach a fake beard to his trained lizard. But that's neither here nor there, the voice pondered. This is why it was possible then, much as it is now, to take in their overall appearance when casting your eyes over one of them; and yet it wasn't unusual for people to feel confused—no, you're not the only one—because sometimes, seconds after looking attentively at a particular section, for example, it would have already changed, having spliced or coalesced with some other part that—wait, had that been there before? All of which gave rise to a sense of turbulence, and to frequent remarks about the vertiginous feeling that came from glimpsing unknown dimensions inside their insides, as someone once said.

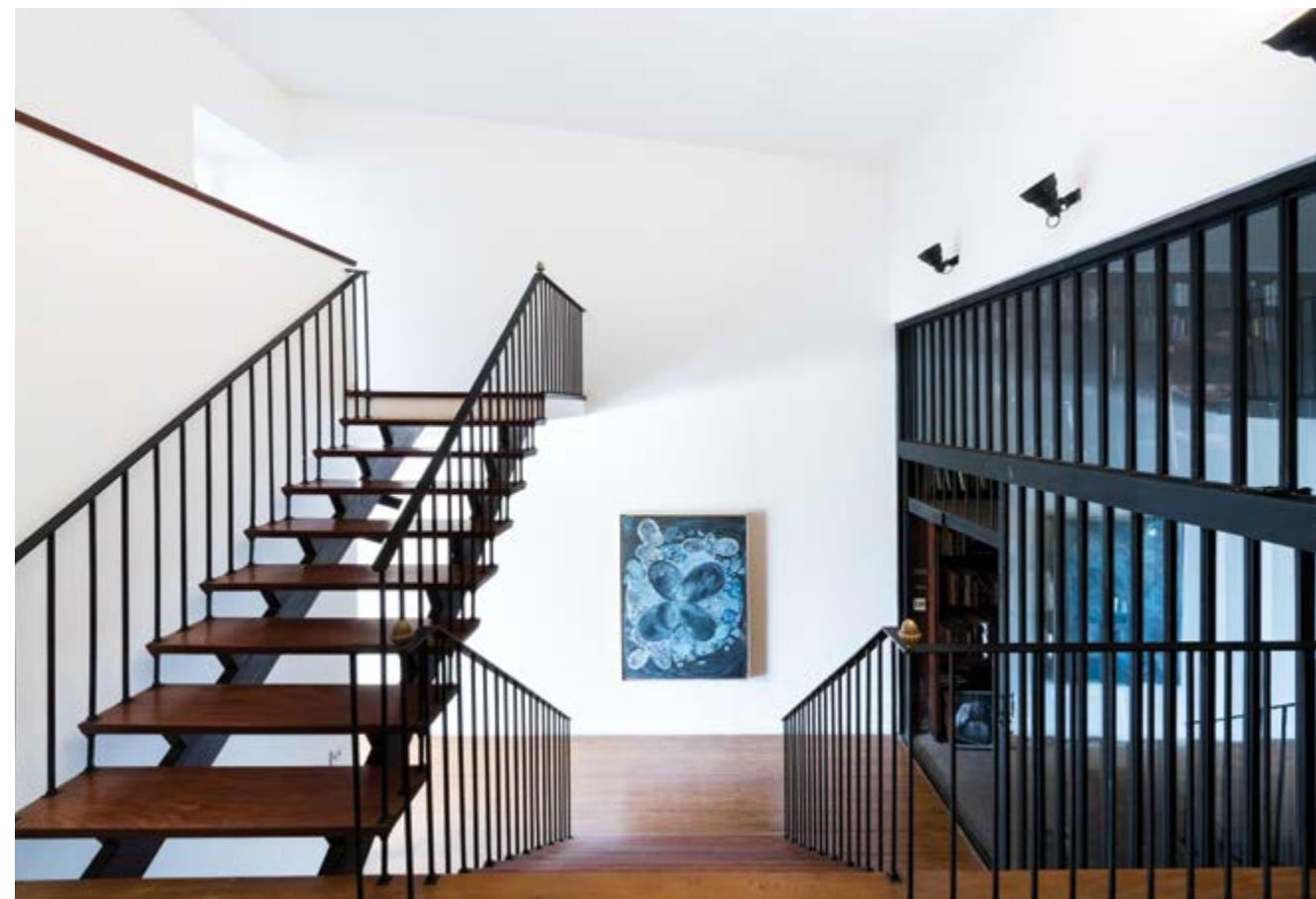
You had probably already noticed that, aside from manifesting fluctuations in the appearance of their skin, they also embodied a series of identities. It's hard to say, and hypotheses are still being put forward on the matter, but the secret may have resided in their mysterious ability to transmigrate through known subspecies—of which there are many—and also through subspecies that have never before been seen or at least never catalogued, without ever ceasing to be themselves. And since the subspecies all had a gift for mimesis too, some of the characteristics assumed by the creatures in question were, the voice emphasized, memories of what their relatives had, so to speak, assimilated, across time and space (aahhh, you breathed, thinking to yourself: they must also react by simultaneously mimicking various human traits, such as tiled walls, basketball hoops, clothing patterns, Wentworth Thompson pages, satellite photographs, overgrown gardens, computer screen protectors, the tower Mendelsohn built in honor of Albert Einstein, del Cossa's snail, fizzy drinks, or, who knows, maybe freckles, the outer ear... Maybe they even jotted in shorthand on their skin the electrical impulses captured in the brains of those who stood before them.)

Their creation in rectangular and movable laboratory vivaria, which addressed the basic material conditions that would allow them to thrive rather than simply survive, was essential to the continual emergence of the beings' new aptitudes. Especially in terms of their interactions with their environments—although it's worth remembering that it's not always voluntary, the voice added (though, unwilling to accept so much certainty, and longing in vain for fewer explanations, you doubted the truth of this), such that alterations occurred in relation to the size and layout of a space, to variations in incidences of light, seasonal changes in weather, etc., and above all in relation to the slightest movement of any human beings in close proximity to them.

On their part, people started believing that their ability to assimilate and transform meant they might be taught to speak. And this gave way, as it often does, to a ceaseless gabfest from various groups with supposed good intentions. But as time passed, the main reason for their presence was forgotten and people started instead to talk among themselves—about food, travel, global warming, personal problems, soccer, Prince Andrew... But that's another story, apologized the voice (which, it's worth noting, you were the only one listening to). In any case, many pointed out that a sound-vibration had been perceived in the places around which the vivaria were installed.

An expert stated that the string of unprecedented phenomena was artificial and had been triggered by the administration of certain substances, a classic long-term experiment by a certain independent and visibly well-informed researcher. According to the voice, if you bought that explanation, these phenomena were the fruit of an interplay between imagination and results obtained by someone who seemed to be responding to a hibernal (infernal? you wondered if this is what the voice had said, but couldn't ask since the voice didn't seem open to conversation) or, to use another word, a wintry work environment. Perhaps tired of her own disquisitions, the voice admitted a preference for the most accepted version of the story, which claimed that everything about them could be traced to an initial chameleon that, lost in the constructions of the Jaipur observatory, had a vision in which it was a broken kaleidoscope that nonetheless spun indefinitely.

São Paulo, 2019



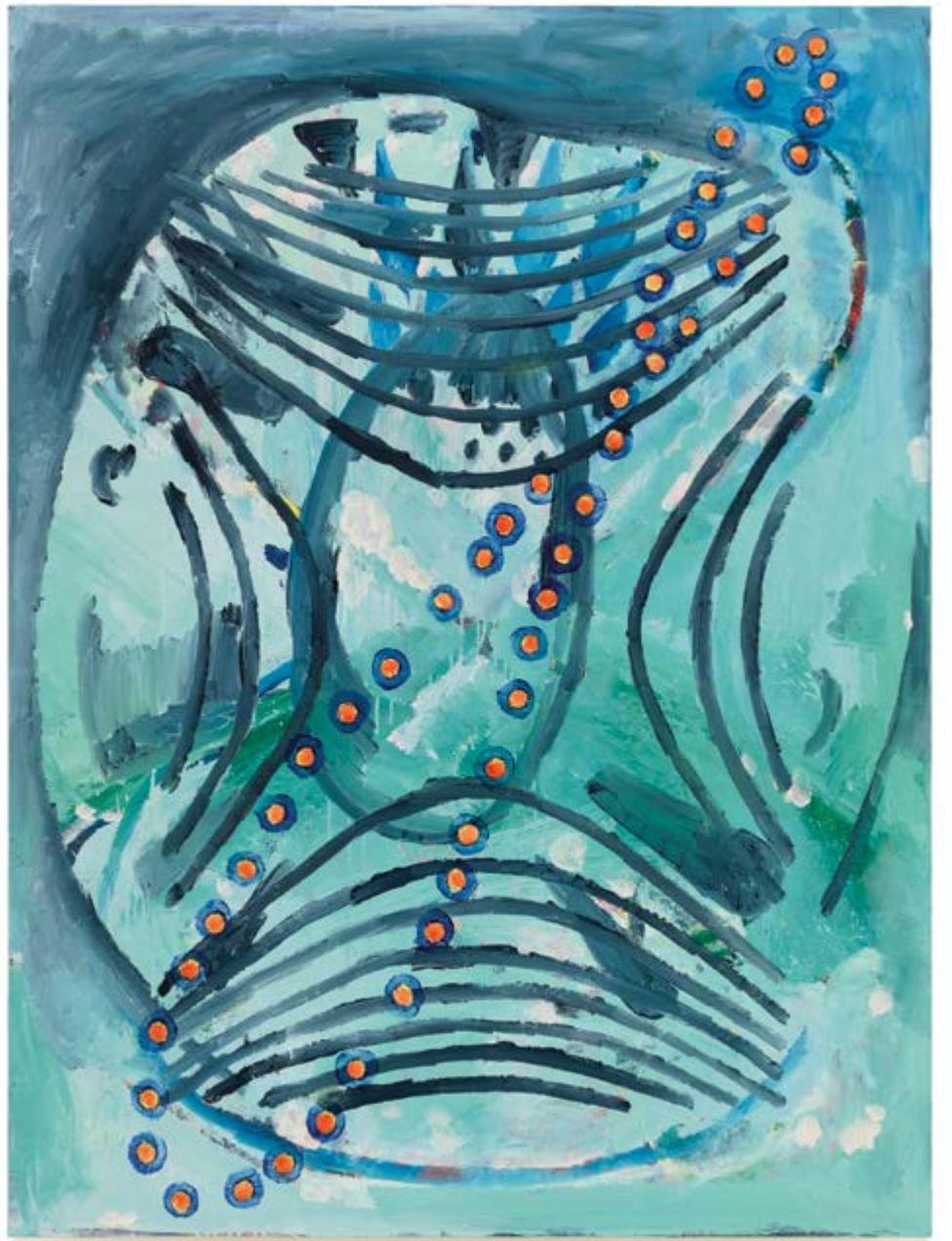


Shade

2015–16

Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches

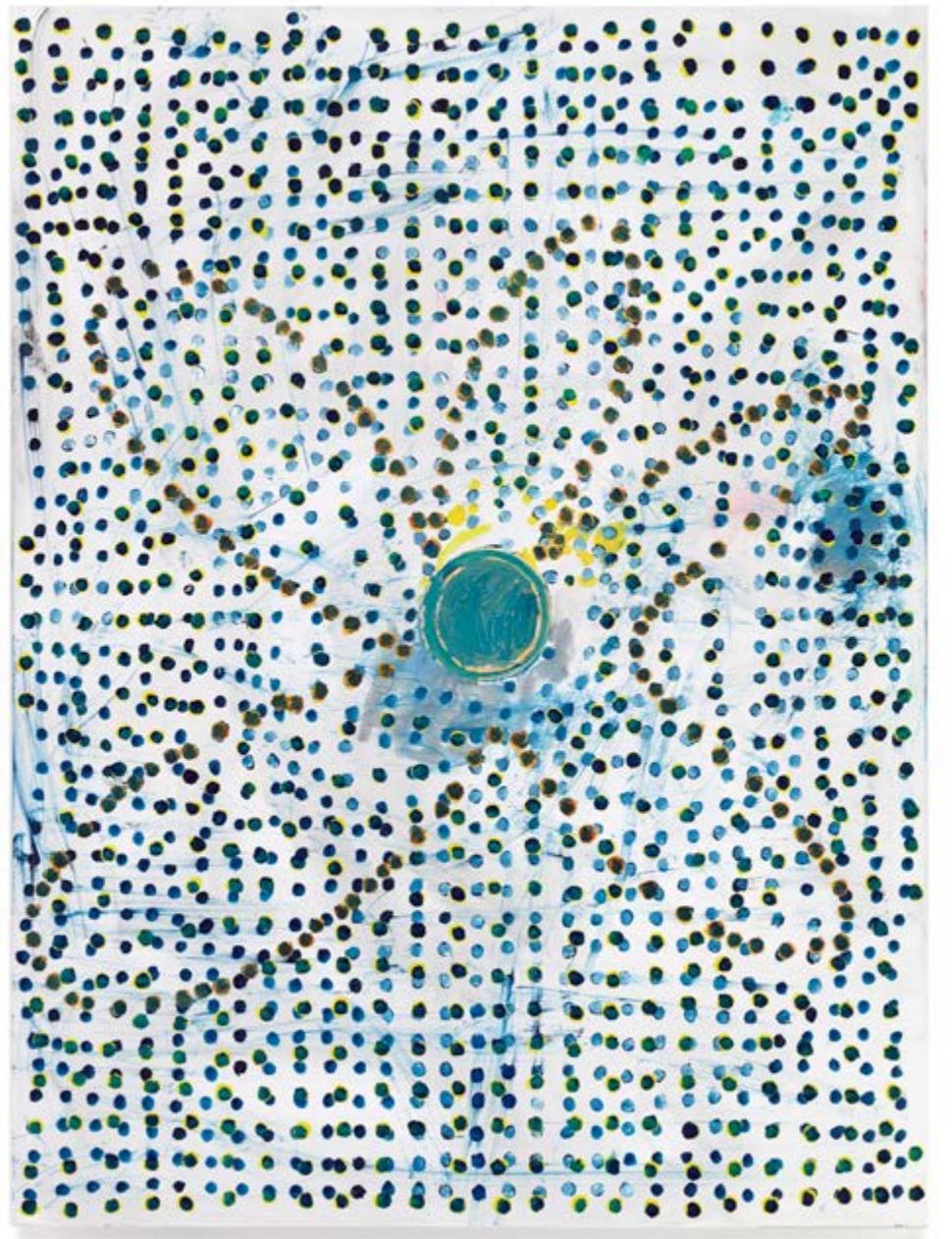


Cloud

2015–16

Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches

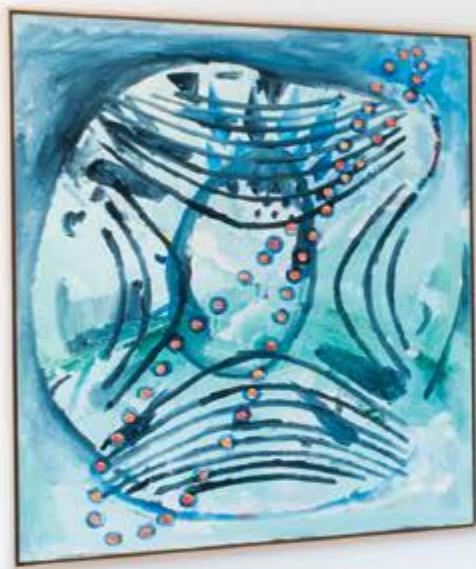


Nebula

2015–16

Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches



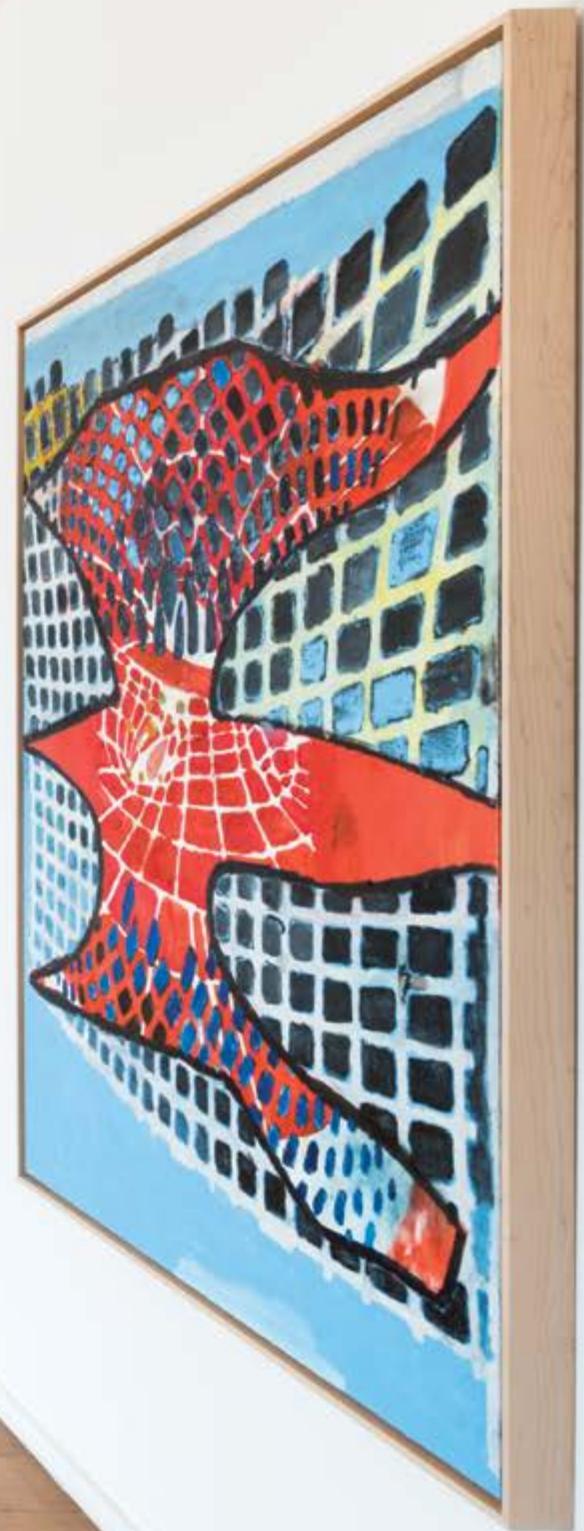


Section

2015

Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches





Plate

2015–16

Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches

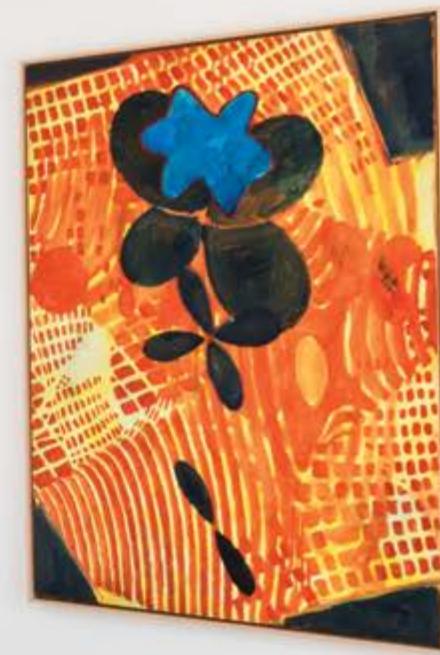


Zone

2015

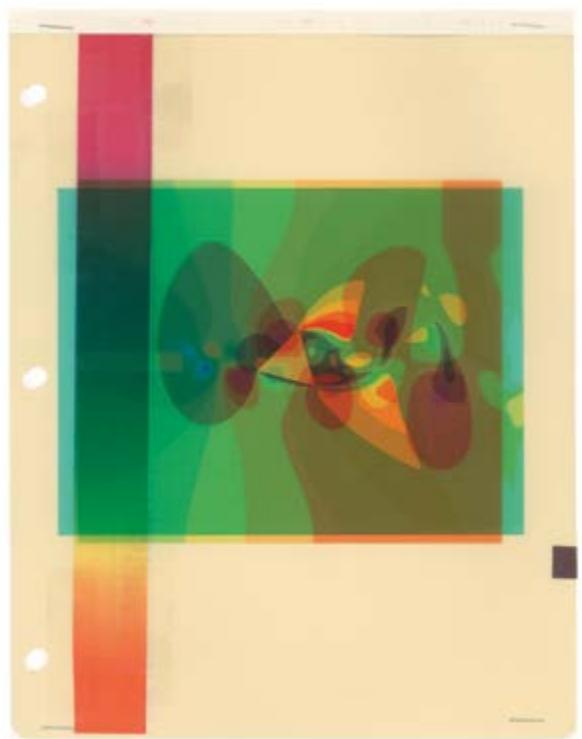
Óleo, cera e resina sobre linho | Oil, wax and resin on linen

152 x 114 cm | 60 x 45 inches



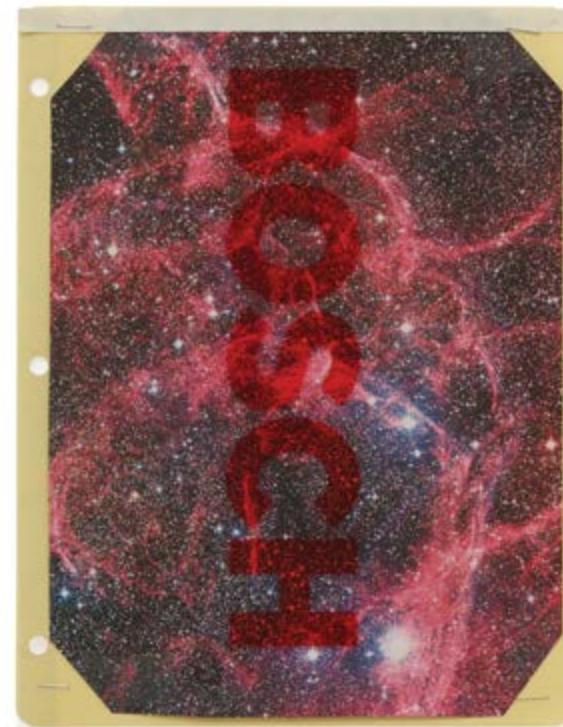
Notebooks





Notebook 91
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



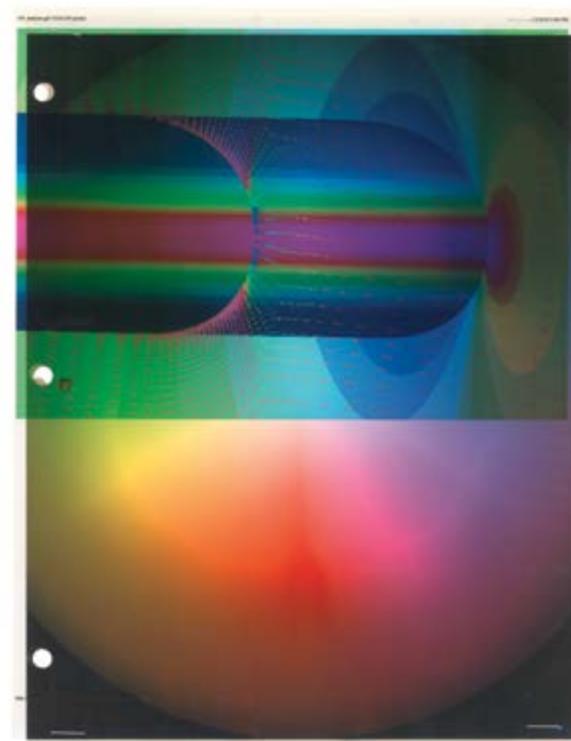
Notebook 4
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



Notebook 156
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



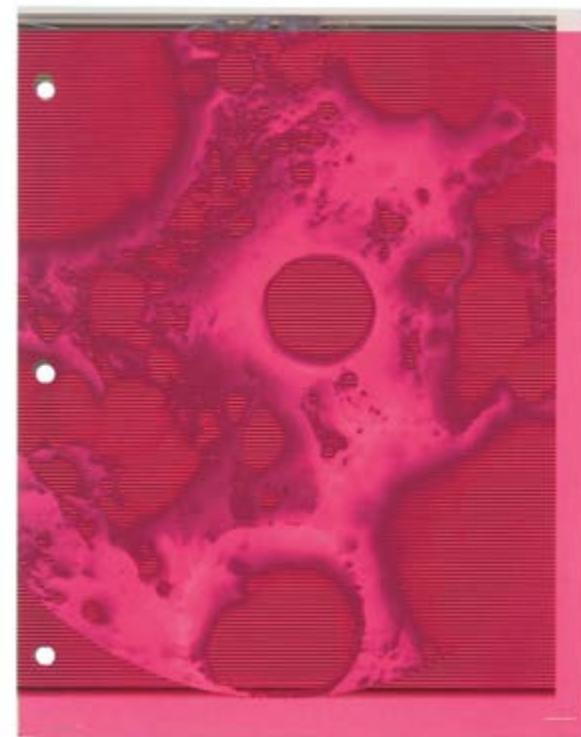
Notebook 161
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



Notebook 89
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



Notebook 169
2003-11

Colagem sobre papel | Collage on paper
28 x 22 cm | 11 x 8½ inches



Terry Winters

Data da Exposição
26 de outubro — 21 de dezembro de 2019

Exhibition Date:
October 26th — December 21st 2019

Esse projeto foi realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa — Proac.

This project was carried out with the support of São Paulo State Government, through the Secretariat of Culture and Creative Economy — Proac.

Realização:



auroras

PROJETO.ASP



ISBN: 978-85-93970-04-7

auroras

Editora | Publisher
auroras
DOM

Data de Publicação | Published
Dezembro 2019 | December 2019

Editores | Edited by
Gisela Domschke
Ilê Sartuzi
Ricardo Kugelmas

Autor | Author
Terry Winters

Texto | Text
João Bandeira

Direção Executiva | Executive Direction
Daniela Machado

Design Gráfico | Graphic Design
Bettina Birmarcker

Assistência | Assistance
Amanda Milliet

Fotografia | Photography
Ronald Amstutz
Ding Musa

Tradução | Translation
Julia Sanches

Agradecimentos | Acknowledgments

Terry Winters
Bettina Birmarcker
Bruno Dunley
Carla Plascak
Carolina Brunelli Dagnino
Cory Nomura
Cléo Döbberthín
Daniela Machado Cardoso
Ding Musa
Edouard Labouret
Eliete Florencio
Fabrício Corsaletti
Fernanda Pitta
Francisco Luís Franco
Gisela Domschke
Ilê Sartuzi
Instituto Tomie Ohtake
João Bandeira
Lenny Niemeyer
Luise Malmaceda
Luiza Gottschalk
Lulu Ortiz
Matthew Marks Gallery
Noemi Jaffe
Olhão
Projeto ASP
Vera Gattás

Impresso em papel Pólen Bold e Couché Fosco pela Ipsilon em 2019. Composto nas tipografias Beirut e Akkurat.

Printed on Polen Bold and Couché Matte papers by Ipsilon in 2019. Composed in Beirut and Akkurat.

